

Seis Princípios para Cocriar Biodiversidade

Uma Metodologia



Conteúdo

Introdução: Viabilizar a cocriação.....	3
Princípio 1: Obter acesso a um terreno adequado	5
Princípio 2: Construa colaborações locais	6
Princípio 3: Assuma uma postura curiosa e humilde	9
Princípio 4: Colabore com um grupo diversificado de participantes	11
Princípio 5: Trabalhe de forma prática com atividades visíveis	13
Princípio 6: Estabeleça uma estrutura, mas seja flexível.....	14
Conclusão: garantir a sustentabilidade da iniciativa.....	17

Introdução: Viabilizar a cocriação

Neste documento, encontrará orientações práticas sobre como liderar iniciativas de biodiversidade urbana através da cocriação. Com base na experiência prática da implementação de seis projetos locais, recolhemos seis princípios que são fundamentais na cocriação da biodiversidade. Os princípios são dirigidos a todos aqueles que têm a ambição de reforçar a biodiversidade na sua cidade e desejam mobilizar os recursos de *stakeholders* relevantes, ou seja, cidadãos, estudantes, ONGs ou instituições locais, como escolas, igrejas ou municípios.

Os seis princípios têm como fundamento a experiência prática obtida através da implementação do projeto Co-Bio (Cocriação de Biodiversidade em Áreas Urbanas), que visa apoiar a Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030, focando-se especialmente na biodiversidade urbana. Durante o projeto, os parceiros do Co-Bio de seis cidades europeias experimentaram metodologias de cocriação para promover a biodiversidade urbana. O projeto teve como objetivo fomentar a participação ativa e a influência dos cidadãos na sua comunidade local e na sociedade. Saiba mais sobre o projeto Co-Bio em www.co-bio.vejle.dk/, e conheça o “Guia para a Cocriação da Biodiversidade Urbana”.

Os seis casos locais Co-Bio

Portugal: A RightChallenge colaborou com a Gaiurb, uma Empresa Municipal de Planeamento Urbano e Habitação Social, no projeto Tiny Forests, que se focou no desenvolvimento de miniflorestas em três bairros carenciados de um distrito do Porto, envolvendo os habitantes locais.

Grécia: O Athens Lifelong Learning Institute colaborou com o município e uma escola local na aldeia de Plataies para plantar espécies nativas no pátio da escola local e cultivar um sentido partilhado de responsabilidade pelo seu ambiente urbano.

Áustria: A Öko Campus Wien e a Gartenpolylog colaboraram com a associação de estudantes de biologia e os habitantes locais para desenvolver parte do *campus* universitário e terrenos adjacentes pertencentes a empresas imobiliárias, com o objetivo de criar um espaço mais verde e biodiverso.

Itália: Em colaboração com a Euromadonie, um instituto de aprendizagem profissional e agência de emprego, a CESIE desenvolveu um jardim de biodiversidade. Trata-se de um laboratório vivo para preservar a flora nativa, promover a consciência ecológica e fortalecer a ligação entre as pessoas e o seu ambiente natural.

Dinamarca: Na aldeia de Skibet, perto de Vejle, na Dinamarca, os cidadãos e o município de Vejle estão a trabalhar em conjunto para reforçar a biodiversidade local. Um grupo de voluntários composto por 13 residentes esteve envolvido no desenvolvimento de caixas de biodiversidade inspiradoras para serem distribuídas localmente.

Hungria: A GreenFormation colaborou com a organização civil Transition Wekerletelep, a Associação Kiserdő (Associação da Pequena Floresta), o centro comunitário local e voluntários para implementar várias ações para melhorar a biodiversidade em Wekerletelep.

O projeto Co-Bio teve como objetivo promover a biodiversidade urbana através da colaboração. O foco na biodiversidade urbana oferece uma oportunidade para formar parcerias locais e desenvolver conhecimentos, competências e ferramentas para reconstruir a biodiversidade, criar consciência e mobilizar ações locais. É aqui que a ideia de cocriação se torna relevante. Cocriação significa colaboração entre *stakeholders* de diferentes setores, ou seja, a sociedade civil, instituições públicas e o setor privado, para resolver uma questão ou problema específico. O objetivo é envolver profissionais locais e voluntários de todos os setores num processo colaborativo, desenvolvendo iniciativas locais para melhorar a biodiversidade urbana.

Trabalhar com a cocriação na biodiversidade urbana significa mobilizar e promover a colaboração entre *stakeholders* de relevância para enfrentar este desafio e implementar iniciativas de biodiversidade. O modelo abaixo ilustra este princípio.



Modelo: Isa Klee/Canva

Princípio 1: Obter acesso a um terreno adequado

Garanta um espaço para a cocriação e partilha de interesses

Em muitas cidades, o terreno é escasso e caro, é por isso que não se deve subestimar a importância de obter acesso a um terreno adequado para a cocriação da biodiversidade. Esta necessidade pode tornar-se a principal orientação para as colaborações que se deseja construir.

Em termos de acesso ao terreno, os seis projetos locais do Co-Bio acabaram por se revelar muito diferentes. Alguns estão a trabalhar com a biodiversidade em jardins privados, em colaboração com os cidadãos locais. Outros construíram colaborações com uma escola pública, uma universidade, uma igreja ou uma empresa municipal, interessadas em aumentar a biodiversidade nos seus terrenos. Em geral, verificou-se que muitas vezes é difícil e demorado obter acesso a áreas como parques ou terrenos baldios pertencentes aos municípios.

Dificuldade em obter acesso a áreas de propriedade pública

A iniciativa húngara Co-Bio inicialmente esperava poder transformar um espaço verde abandonado ao lado de um centro desportivo público num local mais favorável à biodiversidade. Mas, após um longo processo, decidiu-se abandonar essa ideia e concentrar-se em jardins privados e numa área escolar. A líder do projeto, Tamara, explica: *“O parceiro local negociou durante dois anos com funcionários do município sobre este espaço. Mas não foi possível chegar a uma decisão final que nos permitisse utilizá-lo, por isso, percebemos que precisávamos de nos focar noutra opção”*. A líder do projeto aprendeu que é necessário ter paciência para colaborar com instituições públicas: *“Para as instituições, precisamos de mais tempo para planear, para processar tudo. Por isso, aprendemos definitivamente que, com instituições como o município ou uma escola, não podemos decidir o que fazer de uma semana para a outra. Precisamos de mais estrutura e mais tempo”*.

A cocriação implica ambições partilhadas

A iniciativa de cocriação dinamarquesa explorou inicialmente a ideia de plantar uma floresta num terreno pertencente a um agricultor interessado em fazê-lo. No entanto, verificou-se que as ambições do proprietário do terreno não deixavam margem para a cocriação. Por isso, decidiu-se concentrar-se na colaboração com os cidadãos locais no desenvolvimento dos seus jardins. Esta mudança reforçou o envolvimento da comunidade, dando espaço aos sonhos e ambições dos cidadãos. A líder do projeto, Malene, afirma: *“É necessário que haja um interesse comum para se poder mobilizar o público a favor da promoção da biodiversidade. Quando alguém é proprietário de um terreno e quer plantar uma floresta, pode ser difícil mobilizar outros intervenientes para participar, pois é necessário que haja espaço para os seus interesses e ambições”*.

Interesses comuns no desenvolvimento de uma área carenciada

As iniciativas da criação de miniflorestas em áreas habitacionais carenciadas constituíram uma oportunidade de cocriação e de interesses partilhados entre a RightChallenge e a Gaiurb, a entidade municipal responsável pela gestão do território e pela habitação social em Gaia. A Gaiurb decidiu colaborar com a iniciativa, uma vez que esta se enquadrava perfeitamente nas

ambições da empresa de melhorar a qualidade de vida dos habitantes das áreas de habitação social. A empresa viu isso como uma forma de reforçar a sustentabilidade social. *“Esperávamos que o envolvimento da comunidade gerasse um efeito de mobilização positivo, incentivando mais pessoas a participar e a valorizar o espaço comum, reforçando a sustentabilidade social, ambiental e comunitária nas habitações sociais”.*

Da mesma forma, em Palermo, a paróquia local disponibilizou um terreno da igreja para o desenvolvimento de um jardim de biodiversidade em colaboração com a CESIE e o instituto de aprendizagem profissional local, Euromadonie. A líder do projeto, Sara, afirma: *“O padre local apoiou a iniciativa uma vez que viu nela uma forma de transformar esta área abandonada num local bonito e valioso para os habitantes locais da paróquia”.*

Pontos importantes

- Não subestime o tempo e o esforço necessários para obter acesso a um terreno para implementar a sua iniciativa de biodiversidade.
- Os *stakeholders* que têm acesso a terrenos, ou seja, escolas, universidades, igrejas, municípios, proprietários privados/cidadãos, podem ser aliados relevantes.
- Seja paciente, se optar por aceder a uma área pertencente ao município ou a uma instituição municipal, por exemplo, uma escola pública. As negociações com estes *stakeholders* costumam demorar muito tempo.
- Os interesses comuns entre os principais *stakeholders* são um pré-requisito para a cocriação de iniciativas. Dedique tempo e esforço no início do processo ao desenvolvimento de pontos em comum entre todos, pelo menos, a maioria dos *stakeholders*.

Princípio 2: Construa colaborações locais

Desenvolva relações com stakeholders que possam contribuir com recursos, redes de contactos e conhecimento

Construir colaborações inteligentes é um pré-requisito para a cocriação da biodiversidade urbana. Colaborações com pessoas e organizações que têm conhecimento local, contacto com *stakeholders* relevantes e talvez até o acesso a um terreno, revelaram-se fundamentais para o sucesso das iniciativas Co-Bio. Muitas vezes, não será necessário procurar novas colaborações. Em vez disso, pode aproveitar a sua rede de contactos pré-existente. O importante é construir colaborações com um ou mais *stakeholders* que partilhem as suas ambições em relação à biodiversidade e considerem que a iniciativa também satisfará os seus interesses. Também pode ser uma boa ideia contactar *stakeholders* que tenham potencial para atuar como “agentes de mudança”, apoiando novas colaborações e iniciativas.

Aproveite as estratégias políticas relevantes

Aproveitar as políticas e estratégias existentes que se coadunam com a sua iniciativa pode ser uma forma inteligente de desenvolver colaborações relevantes. O projeto Co-Bio, na aldeia dinamarquesa de Skibet, aproveitou o objetivo político do município de apoiar a ação climática

através dos cidadãos e comunidades locais. Assim, conseguiu desenvolver um efeito de sinergia, obtendo acesso a recursos e apoio municipais. Da mesma forma, a iniciativa grega em Plataies, envolvendo alunos do ensino básico, recebeu o apoio do município e das escolas, uma vez que aproveita as atuais políticas nacionais e municipais de redução dos níveis de CO₂, bem como a educação dos alunos acerca de medidas climáticas e de biodiversidade. De acordo com o líder do projeto do caso grego, Kostas: *“É muito mais fácil obter apoio político para iniciativas que se alinham com as estratégias políticas. Por isso, vale a pena estudar documentos políticos e enquadrar a sua iniciativa para aproveitar os objetivos políticos existentes”*.

Explore o que já existe

Outra abordagem semelhante consiste em explorar as iniciativas já existentes na área local onde se pretende trabalhar e desenvolver novas ideias a partir delas. As iniciativas de cocriação nem sempre precisam de começar do zero e evoluir de acordo com uma “lógica de projeto”. Os projetos de cocriação sustentáveis baseiam-se frequentemente no “que já existe”, associando iniciativas, agendas e *stakeholders* já existentes, apoiando assim a colaboração e ampliando o seu impacto. Ao trabalhar com a biodiversidade urbana, os *stakeholders* relevantes podem ser cidadãos locais interessados em jardinagem ou aves, jardins de infância ou escolas locais que pretendem ensinar os alunos acerca da biodiversidade, uma igreja local que deseja contribuir para uma cidade sustentável ou ONGs e organizações públicas que trabalham para desenvolver uma comunidade sustentável.

Uma forma pragmática de mobilizar participantes para uma iniciativa de cocriação de biodiversidade é pensar naquilo “que já está a acontecer e como é que estas iniciativas se apoiar mutuamente?”, construindo colaborações. Isto implica localizar os *stakeholders* ativos, as instituições e as atividades existentes que estão atualmente a abordar agendas ou tarefas relevantes no contexto e associá-las numa iniciativa comum. Este exercício pode expandir os seus horizontes relativamente a *stakeholders* dos quais geralmente não teria conhecimento e com os quais não está habituado a colaborar. No caso húngaro, no bairro de Wekerletelep, revelou-se crucial estabelecer uma colaboração com a Transition Wekerle, uma organização central da área, em cuja confiança por parte dos habitantes locais está bem estabelecida.

Use a sua rede de contactos pessoal: conhece alguém que esteja associado às pessoas com quem gostaria de falar? As relações existentes ajudam a construir confiança e a abrir portas. Comece com um contacto informal e pessoal, conheçam-se melhor enquanto tomam um café.

Confie na sua rede

A certa altura, a líder do projeto da iniciativa italiana Co-Bio, Sara, estava prestes a desistir. Ela tinha abordado escolas primárias locais potencialmente interessadas em colaborar na promoção da biodiversidade, mas não tinha conseguido estabelecer uma aliança. Sara explica: *“Encontrei-me numa situação em que pensava: “Meu Deus, temos este orçamento, temos esta oportunidade, temos este projeto fantástico, mas falta-nos o interveniente certo, que confie no processo.” O objetivo era encontrar os intervenientes certos que quisessem fazer parte deste processo a longo prazo”*. Um colega seu indicou-lhe uma organização, a Euromadonie, um centro de educação para adultos, com o qual já tinha uma relação estabelecida. Foi estabelecida uma colaboração para cocriar biodiversidade com os alunos no recinto da escola, como parte das atividades letivas.

Construir colaborações inteligentes, selecionando *stakeholders* com recursos e redes de contactos, muitas vezes ajudará a mobilizar e colaborar com uma gama mais ampla de *stakeholders* e participantes.

“Pedir emprestada” a confiança noutra *stakeholder*

A iniciativa portuguesa Co-Bio, que consistiu na cocriação de miniflorestas em conjunto com os habitantes de áreas de habitação social, foi levada a cabo em estreita colaboração com um parceiro já existente, a Gaiurb. A Gaiurb é uma entidade municipal responsável pelo planeamento urbano e habitação em Vila Nova de Gaia, nos arredores do Porto. A iniciativa beneficiou do acesso da Gaiurb a terrenos nas áreas habitacionais, bem como do conhecimento local dos funcionários e das relações de confiança já estabelecidas com os habitantes. De acordo com a líder do projeto, Catarina, a cocriação de um projeto de biodiversidade com os habitantes locais não teria sido possível sem a Gaiurb: *“Se tivéssemos chegado lá e dito apenas: “somos a RightChallenge e queremos fazer isto acontecer, confiem em nós!”, não seria a mesma coisa do que ter pessoas que trabalham com os habitantes, algumas há mais de 10 anos, que se mostram tão entusiasmadas com a nossa ideia e que lhes transmitem esse entusiasmo. Isso torna o processo muito mais fácil para o dinamizador do caso local”*. No início, alguns dos habitantes mostraram-se céticos em relação à iniciativa de biodiversidade e apontaram outros problemas mais urgentes no seu bairro, como problemas de infiltrações. Os residentes de um dos bairros, em particular, enfrentam há vários anos graves problemas de infiltrações de água nos telhados, que ainda não foram resolvidos. Assim, para eles era difícil compreender por que razão se investiria na melhoria da biodiversidade dos espaços exteriores em vez de resolver os problemas de infiltração. Nesta situação, os funcionários locais da Gaiurb desempenharam um papel fundamental na explicação das diferentes iniciativas e dos potenciais benefícios das miniflorestas.

Aumentar a visibilidade através de uma colaboração já existente

A iniciativa austríaca Co-Bio, que visa desenvolver a biodiversidade nos terrenos da Universidade de Viena e terrenos adjacentes, conseguiu desenvolver uma relação com a Associação de Estudantes de Biologia da Universidade. Isso revelou-se um grande trunfo em termos de alcançar os estudantes interessados em atividades relacionadas com a promoção da biodiversidade. A líder do projeto, Isa, comenta: *“A Associação de Estudantes tem vários milhares de seguidores no Instagram. E, como representação política, também tem muito interesse no lado político. Portanto, esta colaboração revelou-se bastante frutífera, porque havia um círculo de pessoas com interesse na área, que dispunham de um espaço que podíamos usar e também da visibilidade, funcionando como uma ponte de ligação entre muitos estudantes de biologia potencialmente interessados na iniciativa”*.

Pontos importantes:

- Alinhar a sua iniciativa com as estratégias políticas existentes pode ser uma forma inteligente de obter apoio político e acesso a recursos.
- O estabelecimento de parcerias com *stakeholders* com conhecimentos e colaborações locais é fundamental para iniciativas de biodiversidade.

- Aproveite o que já existe. Identifique as iniciativas e *stakeholders* existentes que possam ser relevantes para o seu projeto.
- Use a sua rede de contactos para identificar *stakeholders* que se possam tornar aliados à sua iniciativa de biodiversidade.

Princípio 3: Assuma uma postura curiosa e humilde

Esteja ciente de que a linguagem e a comunicação são fundamentais na cocriação

Muitas pessoas têm dificuldade em compreender e identificar-se com o conceito de biodiversidade. Assim, o conceito de biodiversidade pode não ser, por si só, o impulsionador de envolvimento. Para alguns, a ideia de promover a biodiversidade pode estimular o envolvimento. Para outros, a possibilidade de trabalhar em conjunto numa iniciativa ecológica local é o principal fator motivador. O potencial de cocriação de iniciativas de biodiversidade está, portanto, ligado à articulação das diferentes necessidades e motivações de uma série de intervenientes no processo. Os participantes que pretende mobilizar ou com os quais pretende colaborar podem ter necessidades e motivações muito diferentes para querer participar numa iniciativa local de biodiversidade. Para as escolas, a aprendizagem prática e a sensibilização dos alunos e pais podem ser uma motivação importante. Para os cidadãos e as comunidades locais, construir relações mais fortes e uma comunidade sustentável pode ser um fator motivador, bem como a necessidade de experimentar a “ação” e superar a ansiedade climática. Além disso, para alguns cidadãos locais, o desejo de melhorar o ambiente exterior e promover a criação de sombra em locais onde existam ilhas de calor pode ser fundamental.

A cocriação implica o desenvolvimento de uma iniciativa concebida para satisfazer as necessidades e ambições de todos os parceiros que colaboram. Por isso, é fundamental que, enquanto facilitador, assuma uma posição humilde e explore com curiosidade as potenciais ambições comuns que podem ligar as suas necessidades, ambições e interesses aos de outros participantes. Aqui, a linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental.

A linguagem é importante

O conceito de “biodiversidade” nem sempre atrai o interesse e envolvimento dos cidadãos. No início, a iniciativa húngara apresentou-se como uma “colaboração em prol da biodiversidade” e não conseguiu envolver muitos cidadãos locais. Quando se começou a apresentar como uma iniciativa para desenvolver uma determinada área local, mais cidadãos mostraram interesse. Tamara, a líder do projeto, reflete: *“No início perguntávamos apenas: tem interesse em participar deste projeto e aumentar a biodiversidade? Talvez não fosse assim tão claro. Quando lhe demos uma estrutura e lhe demos o nome do local, isso ajudou as pessoas a compreenderem e a identificar-se com esta iniciativa”*.

Em particular, se quiser envolver grupos “vulneráveis”, como cidadãos desempregados ou socialmente desfavorecidos, numa iniciativa de biodiversidade, é muito importante estar ciente de que as perspetivas dos mesmos podem ser diferentes das suas. Esteja atento à linguagem que usa quando fala sobre as ambições da biodiversidade e respeite o facto de que o

conhecimento prático é tão valioso quanto o conhecimento profissional e teórico sobre biodiversidade.

A iniciativa portuguesa, desenvolvida numa zona habitacional carenciada, enfrentou o desafio de transmitir o conceito de biodiversidade aos habitantes locais. A linguagem tornou-se uma questão importante. A líder do projeto, Catarina, ficou surpreendida ao verificar que alguns dos habitantes nunca tinham ouvido falar de uma floresta. Por isso, foi necessário mudar a forma de trabalhar e de comunicar, tornando-a muito mais simples e visual, para conseguir chegar aos habitantes. Ela reflete: *“O mais importante é falar a mesma língua que eles. Especialmente com pessoas que têm níveis de escolaridade muito baixos e que talvez enfrentem sérios desafios sociais, é realmente crucial conseguir transmitir as nossas ideias de uma forma que eles compreendam. Por exemplo, mostrando-lhes modelos 3D e dizendo: “Não é muito quente aqui no verão? Não seria muito bom terem toda esta sombra das árvores, bancos e tudo mais para que possam tirar proveito do espaço que têm ao ar livre?”*. Outra forma de ir ao encontro das necessidades dos moradores foi ouvir as suas preocupações relativamente ao risco que a minifloresta corria de ser destruída por cães, adaptando a ideia inicial ao contexto local e garantindo-lhes que uma cerca seria instalada.

O valor de conhecer a biodiversidade na prática

Como facilitador, é importante reconhecer que diferentes participantes em processos de cocriação trazem consigo diferentes tipos de conhecimento e, portanto, diferentes formas de comunicação. Para desenvolver uma colaboração igualitária entre os parceiros, a experiência prática deve ser tratada da mesma forma que o conhecimento teórico e profissional. Além disso, pode ser necessário traduzir e promover uma ponte entre diferentes estilos de comunicação. A comunicação e a linguagem revelaram-se de importância fundamental na iniciativa italiana. A líder do projeto, Sara, percebeu que precisava de colaborar com “tradutores” locais para compreender e navegar na cultura de comunicação e na linguagem dos participantes. Ela também percebeu que o conceito de “biodiversidade” não fazia sentido para os participantes, embora muitos deles já estivessem a praticá-lo: *“Eles simplesmente não sabiam que isso era biodiversidade. Porque não têm esse tipo de linguagem. Lembro-me de uma vez alguém ter dito: “Faço isso constantemente no meu jardim”. Portanto, neste sentido, havia uma base muito boa para trabalhar com a biodiversidade neste grupo”*.

Um importante fator motivador para os participantes no processo de cocriação é “espalhar a palavra”, celebrar as conquistas e, assim, tornar-se visível e receber o reconhecimento da comunidade local. Por conseguinte, as atividades de comunicação são uma parte importante destas iniciativas. A comunicação pode assumir muitas formas diferentes, tais como narrativas de projetos, comunicação nas redes sociais ou eventos como dias de plantação.

Pontos importantes:

- Esteja ciente de que o conceito de “biodiversidade” é difícil de entender para muitas pessoas e não é, por si só, apelativo. É importante explorar e reconhecer as diferentes necessidades e motivações dos participantes, ou seja, conhecimento, construção de uma comunidade ou sentido de ação.
- Seja curioso: uma mente aberta permite-lhe abordar outros participantes, discutir possíveis vantagens do trabalho conjunto e estabelecer pontos em comum.

- Esforce-se por desenvolver uma iniciativa concebida para satisfazer as necessidades e ambições de todos os parceiros na colaboração e abra espaço para os diferentes tipos de motivações e sonhos que os participantes trazem.
- Diferentes tipos de conhecimento são valiosos na cocriação. A linguagem e a comunicação são fundamentais para superar as diferenças. Ouça os conselhos daqueles que conhecem as pessoas com quem gostaria de colaborar.
- Dedique tempo e energia para celebrar as suas conquistas e divulgar as iniciativas, pois o reconhecimento dos pares e da comunidade local pode ser um importante motivador para os participantes.

Princípio 4: Colabore com um grupo diversificado de participantes

Entre em contacto e confie no “efeito em cascata”

O conceito básico por trás do objetivo de melhorar a biodiversidade através da cocriação é reunir pessoas com ambições, interesses e competências diversas para trabalharem em conjunto e, assim, criarem soluções mais criativas e sustentáveis. Portanto, como facilitador, deve estar atento à diversidade. Não se contente em mobilizar “os suspeitos do costume”, mas procure alcançar participantes diversos e esteja preparado para integrar as necessidades e ambições de todos os participantes envolvidos na conceção e planeamento da iniciativa.

Um grupo de trabalho com conhecimentos diferentes

Às vezes, pode ser uma boa ideia chegar aos habitantes de um bairro com o objetivo de mobilizar participantes para uma iniciativa local. Isso pode ser feito através de um convite aberto num evento, workshop, competição ou pesquisa para despertar o interesse na iniciativa de biodiversidade.

Na iniciativa dinamarquesa Co-Bio, foi organizado um workshop de partilha de ideias num bairro local, convidando todos os habitantes a contribuírem com as suas ideias para melhorar a sustentabilidade da sua área. Um grupo de cidadãos locais com um interesse comum na biodiversidade acabou por formar um grupo de trabalho que desenvolveu uma “caixa inspiradora” para proprietários de jardins sobre biodiversidade. De acordo com a facilitadora dinamarquesa, Malene, as diversas competências e conhecimentos do grupo foram uma grande vantagem: *“O grupo de trabalho é composto por pessoas que têm todas interesse na biodiversidade, mas que têm competências e conhecimentos muito diferentes. Três cidadãos locais, um biólogo, um advogado e o proprietário de uma loja de tintas, trabalharam em conjunto no desenvolvimento desta caixa inspiradora. Ao longo do processo, tivemos um diálogo muito interessante e desenvolvemos muita aprendizagem mútua”*.

Alcançar as e através das crianças

Para mobilizar o interesse dos cidadãos locais pela biodiversidade, a iniciativa húngara Co-Bio colaborou com o Centro Comunitário local na organização de um concurso de desenho para crianças. Foi pedido às crianças que observassem a natureza do bairro e desenhassem ou pintassem o que viam. Mesmo que tenha sido necessário pressionar os professores e a carga

administrativa tenha acabado por ser bastante pesada, a líder local do projeto, Tamara, ficou satisfeita com a visibilidade da iniciativa. Ela afirma: *“Foi muito bom ver os desenhos, porque se percebia que tinham realmente observado a vida selvagem e a natureza à sua volta. Não recebemos muitos, mas os que recebemos eram realmente bons. E para a cerimónia de entrega dos prémios, todas as crianças compareceram, juntamente com os seus pais e avós”*.

O projeto Co-Bio mostra que trabalhar de forma prática com a biodiversidade é muitas vezes considerado uma atividade significativa e envolvente, especialmente por crianças e jovens. O bem-estar psicológico que advém da experiência de agir em conjunto parece ser particularmente importante para as crianças e os jovens lidarem com a ansiedade climática. Isto é importante, uma vez que as crianças e os jovens podem, em geral, ser considerados difíceis de alcançar.

Às vezes, pode ser uma boa ideia começar a sua iniciativa de biodiversidade de forma pragmática, contactando pessoas da sua rede que tenham competências que sabe de antemão que serão importantes para o sucesso da iniciativa de biodiversidade. As iniciativas de cocriação desenvolvem-se frequentemente através do “efeito cascata”. Por isso, começar de forma pragmática com um pequeno grupo de participantes empenhados, talvez até amigos ou colegas, pode muito bem ser a abordagem certa. Muitas vezes, assim que a iniciativa arranca e as histórias positivas começam a espalhar-se, mais participantes ficam interessados e juntam-se à ação.

Integrar as necessidades dos habitantes

Na iniciativa portuguesa Co-Bio de cocriação de miniflorestas, uma série de profissionais, nomeadamente, arquitetos paisagistas, técnicos sociais e gestores, estiveram envolvidos desde o início do processo. Além disso, revelou-se fundamental envolver os habitantes das áreas de habitação social desde o início e integrar as suas necessidades e preocupações na conceção das iniciativas. De acordo com a líder do projeto, Catarina, os habitantes de uma das áreas estavam preocupados com os excrementos dos cães na área construída. Por outro lado, os habitantes de uma das outras áreas de habitação estavam preocupados com o facto de a nova minifloresta atrair muitos turistas. Em ambos os casos, revelou-se muito importante para a iniciativa incorporar as ideias e preocupações dos habitantes locais, adaptando as iniciativas.

Um arquiteto paisagista com competências importantes

Ao criar a iniciativa italiana Co-Bio, a líder local do projeto, Sara, decidiu contactar Alfredo, que tinha participado num projeto anterior. Ele é arquiteto paisagista e conhece muito bem a cidade, tanto pelo seu trabalho profissional como pelo voluntariado que pratica. Ela sabia que ele seria um recurso inestimável no conhecimento das áreas locais da cidade, bem como na gestão de um grande desafio nas iniciativas de biodiversidade em Itália: a escassez de água. O jardim, que foi plantado como parte da iniciativa Co-Bio, prosperou graças às competências profissionais de Alfredo. Sara diz: *“Alfredo foi ótimo a planear o sistema de rega com antecedência, por isso estivemos bem durante todo o verão”*.

Da mesma forma, a iniciativa Co-Bio em Viena pôde convidar um grupo de arquitetos paisagistas internacionais de uma rede internacional de universidades (Hochschulinitiative für Biodiversität) que trabalham pela biodiversidade para contribuir para o projeto.

Pontos importantes:

- Reunir diferentes participantes muitas vezes fortalece a cocriação. É importante envolver todos os participantes desde o início e integrar as suas necessidades e ambições na conceção da iniciativa.
- Entre em contacto com potenciais participantes e *stakeholders*, por exemplo, através de eventos, workshops de ideias, inquéritos ou concursos.
- Para crianças e jovens, as atividades relacionadas com a biodiversidade podem funcionar como uma forma de superar a ansiedade climática.
- Comece de forma pragmática com um pequeno grupo de participantes empenhados e confie no “efeito cascata”. Comece em pequena escala, mostre as suas conquistas e comemore as pequenas vitórias.
- Às vezes, pode ser uma boa ideia “escolher a dedo” os participantes que sabe que serão valiosos para a implementação da iniciativa de biodiversidade.

Princípio 5: Trabalhe de forma prática com atividades visíveis

Criar algo tangível em conjunto é uma forte motivação

Em geral, as seis iniciativas Co-Bio constataram que atividades como plantação, passeios a pé e excursões constituem boas formas de atrair a atenção e a participação dos cidadãos. Para muitas pessoas, a biodiversidade pode parecer um conceito abstrato. Por isso, atividades práticas e visualização podem ajudar os cidadãos locais a compreender do que se trata. A biodiversidade é adequada para ser um “fator agregador”, reunindo as pessoas para trabalhar em algo tangível. Plantar e cuidar de uma área verde exige trabalho em conjunto e, muitas vezes, é uma experiência gratificante para os participantes fazerem uma diferença visível no embelezamento da sua área de residência. Além disso, atividades *DIY* (faça você mesmo) de plantar e cuidar de plantas são adequadas para envolver cidadãos que não estão tão habituados a um contacto próximo com a natureza.

Tornar a sua iniciativa de biodiversidade visível, situando-a num local público, pode ser uma boa forma de chamar a atenção. Por exemplo, a iniciativa austríaca Co-Bio no *campus* universitário de Viena conseguiu atrair bastante atenção dos estudantes, uma vez que os membros da Associação de Estudantes de Biologia se reuniram e trabalharam juntos em público, despertando a atenção e a curiosidade de outros estudantes.

Eventos e passeios chamam a atenção

A líder do projeto da iniciativa húngara Co-Bio, Tamara, percebeu que apresentações públicas e, particularmente, eventos locais, como um passeio para observar morcegos e outros passeios para observar árvores ou pássaros foram meios eficazes para mobilizar o interesse dos cidadãos e instituições locais. Ela reflete: *“Após os eventos, mais pessoas perceberam que iríamos implementar isto durante um ano inteiro e pensaram: talvez eu possa fazer parte disto. Na verdade, a escola passou a fazer parte deste projeto numa fase posterior, pois um dos professores participou em várias apresentações e eventos, começou a envolver-se mais e perguntou se poderíamos fazer algo no pátio da escola”*.

Uma tarefa tangível: caixas inspiradoras

A iniciativa dinamarquesa Co-Bio conseguiu motivar os cidadãos locais a envolverem-se, oferecendo um espaço aberto para brainstorming sobre ideias e iniciativas. Após este brainstorming, no entanto, o desafio era como canalizar as ambições dos cidadãos locais em termos de biodiversidade para uma tarefa específica e tangível, sem ter acesso a um terreno. Por fim, os cidadãos tiveram a ideia de desenvolver caixas inspiradoras para os habitantes locais que desejam apoiar a biodiversidade nos seus jardins privados. Isso deu ao grupo uma tarefa tangível na qual trabalhar e ajudou a promover a sua motivação e colaboração. Malene, a líder local do projeto, observa: *“Verificou-se que, para os cidadãos envolvidos na biodiversidade, trabalhar em conjunto numa tarefa prática de aperfeiçoamento e desenvolvimento das caixas foi envolvente e significativo”*.

Educar, estimular, criar!

As atividades práticas também foram importantes na iniciativa grega Co-Bio. De acordo com o líder local do projeto, Kostas, a iniciativa grega de plantar pequenos parques em Plataies desenrolou-se em três etapas: *“Educar, estimular, criar. Acredito que, antes de entrar na cocriação, as outras duas etapas precisam ser realizadas primeiro”*, diz Kostas. A parte educacional consistiu num jogo interativo para promover a compreensão dos participantes sobre a biodiversidade local. Além disso, foi feita uma visualização do plano para o miniparque e das obrigações após o plantio. De acordo com um cidadão que participou na iniciativa grega: *“Não basta realizar reuniões. Reúna as pessoas e construa algo tangível”*.

Pontos importantes:

- Trabalhar com a biodiversidade de forma prática, ou seja, plantar, regar e cuidar de plantas, animais e insetos, são atividades adequadas para envolver um vasto leque de pessoas.
- Muitas pessoas preferem a participação ad hoc, ou seja, participar numa atividade específica com um resultado visível: plantar flores ou detetar morcegos ou insetos.
- Promova a iniciativa de biodiversidade de uma forma que atraia a atenção e faça com que as pessoas queiram participar, organize atividades práticas, como dias de plantação, caminhadas, atividades *DIY* ou jogos.
- Apoie a comunidade e o aspeto de “trabalhar em conjunto” das iniciativas de biodiversidade através de atividades sociais, como partilhar refeições e celebrar em conjunto. Os eventos sociais podem ser uma boa forma de atrair a atenção e a participação.

Princípio 6: Estabeleça uma estrutura, mas seja flexível

Navegue no caos e crie uma atmosfera inspiradora

Os processos de cocriação requerem um tipo especial de liderança. Estes processos podem parecer confusos, pouco claros, complexos e diversificados, uma vez que os participantes pertencem a diferentes organizações com lógicas distintas. Pode dizer-se que a liderança dos processos de cocriação é continuamente negociada. Como facilitador, está a liderar *stakeholders* que podem decidir abandonar a colaboração a qualquer momento, caso a situação se torne demasiado complicada ou a tarefa sem sentido.

A tarefa como facilitador e, portanto, líder de um processo de cocriação é encontrar o equilíbrio certo. Por um lado, os participantes, e a iniciativa de biodiversidade, precisarão de um objetivo claro, bem como de uma estrutura em termos de gestão do tempo e dos recursos. Por outro lado, como muitas vezes irá trabalhar com voluntários, é importante ser flexível e acomodar as necessidades dos participantes e a natureza imprevisível do processo de cocriação. Além de apoiar a motivação e o envolvimento dos participantes.

Uma estrutura de reuniões fixa

A líder do projeto da iniciativa austríaca Co-Bio, Isa, estabeleceu uma estrutura fixa de reuniões a cada 2-3 semanas no local do projeto de biodiversidade, acrescentando datas flexíveis para atender às necessidades dos participantes. Isso proporcionou uma estrutura para a iniciativa e possibilitou que novos participantes soubessem como aderir à mesma. Também ajudou a construir uma comunidade à volta da iniciativa. Se não houvesse tarefas práticas, as reuniões eram usadas para fortalecer as relações entre os participantes. Isa diz: *“Às vezes, era só para estarmos juntos e ver como estavam as plantas. Nessas ocasiões não acontecia muita coisa, mas desta forma relacionamo-nos realmente com a natureza. E isso, acho, é uma parte muito importante do projeto. Descobri que as pessoas ficam bastante felizes só por estarem lá, a conversar umas com as outras, a regar as plantas”*.

É uma experiência comum entre os projetos Co-Bio que, para liderar processos de cocriação de biodiversidade, é preciso ser capaz de navegar no caos, pois tanto a natureza quanto os processos colaborativos são imprevisíveis. Portanto, é preciso aplicar competências de gestão do tempo e resolução de problemas.

Foque-se na tarefa

Na iniciativa Co-Bio húngara, a líder do projeto, Tamara, assumiu o papel de coordenar e estruturar as tarefas através de sessões de planeamento e coordenação de eventos, envolvendo os participantes nas decisões e na implementação.

Promover a colaboração de *stakeholders* com personalidades muito diferentes pode ser um desafio. Uma forma de superar os desafios é focar-se na tarefa do grupo e nas motivações partilhadas. Quando as diferenças dificultam a colaboração, recomenda-se conversar sobre os problemas e encontrar pontos em comum.

De um modo geral, ao liderar processos de cocriação, é importante garantir clareza em termos de funções e responsabilidades entre os participantes. Especialmente ao colaborar com voluntários, é crucial alinhar as expectativas e respeitar as limitações do trabalho voluntário.

Criar uma atmosfera inspiradora

A iniciativa austríaca de biodiversidade no *campus* da universidade conseguiu criar um “efeito cascata”, à medida que novas ideias e iniciativas começaram a surgir entre os estudantes. A co-líder da iniciativa austríaca, Cordula, atribui isso a uma “atmosfera inspiradora” criada através da iniciativa de biodiversidade: *“Ao longo do projeto, surgiram algumas ideias novas sobre como criar ainda mais projetos. Uma das coisas mais agradáveis é não estar apenas no papel de facilitador, mas também de inspirador, transmitindo a mensagem: “Tu podes fazer algo por ti mesmo!”*. Criámos uma atmosfera inspiradora onde os estudantes percebem que podem criar

e mudar coisas, então tiveram a ideia de adicionar canteiros elevados na área vedada, que iremos montar em setembro”.

O lado pessoal: como lidar com a função de facilitador

Liderar e facilitar processos de cocriação pode ser uma tarefa exigente, devido à diversidade de participantes e motivações, à insegurança e à renegociação contínua da tarefa e do processo. Além disso, trabalhar na fronteira e entre organizações com lógicas e objetivos diferentes pode ser um trabalho difícil e, por vezes, solitário.

Portanto, é importante que, como facilitador, procure apoio e orientação de colegas que possam ajudá-lo a refletir sobre os processos com os quais está a lidar e o seu papel neles, para além de fornecerem perspetivas, apoio moral e, se necessário, ferramentas e conselhos sobre como proceder. Pode ainda ser uma boa ideia estabelecer uma “dupla de facilitadores”, partilhando a função e a responsabilidade pela iniciativa com um colega.

Pontos importantes:

- Como facilitador e líder de um processo de cocriação, perceba que está a navegar no caos.
- Encontre o equilíbrio certo entre, por um lado, um objetivo claro e uma estrutura temporal e, por outro lado, ser flexível e acolher as necessidades dos participantes.
- Como facilitador, é importante explorar e reconhecer as motivações e interesses dos participantes, bem como construir confiança e lidar com conflitos.
- Aja como uma fonte de inspiração, criando uma atmosfera inspiradora para que os participantes iniciem os seus próprios projetos.
- Facilitar processos de cocriação pode ser uma tarefa exigente. Criar um espaço para reflexão, apoio e aconselhamento dos colegas pode ajudar.

Ferramentas de facilitação de iniciativas:

Se quiser ler mais sobre ferramentas práticas de facilitação, recomendamos os seguintes livros e sites:

- https://dragondreaming.org/wp-content/uploads/2020/01/DragonDreaming_eBook_english_V02.09.pdf - ferramentas para métodos participativos e sistémicos chamados «Dragon Dreaming», inspirados no pensamento dos povos aborígenes
- www.seedsforchange.org.uk/tools - um site que oferece ferramentas de facilitação para reuniões e processos
- www.nesta.org.uk/toolkit/collective-intelligence-design-playbook/ - um site que oferece ferramentas para conceber projetos de inteligência coletiva
- Weisbord, M. & Janoff, S. (2007) Don't just do something, stand there! Ten principles for leading meetings that matter.
- Weisbord, M. & Janoff, S. (2015) Lead more – control less. Eight 8 Advanced Leadership Skills That Overturn Convention. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.

Conclusão: garantir a sustentabilidade da iniciativa Através da consolidação e o desenvolvimento da gestão responsável

Um risco comum ao trabalhar com projetos com prazo determinado é que, uma vez que a atenção extra, a facilitação e os recursos desapareçam, o envolvimento local na iniciativa também desapareça. Portanto, é importante trabalhar continuamente para garantir a sustentabilidade da iniciativa, ou seja, garantir a sua continuidade.

Se seguir os seis princípios deste guia, a probabilidade de que a sua iniciativa seja sustentável e continue viva após o término do período do projeto é boa. Um fator importante neste contexto é a sustentabilidade social em termos das redes de contactos, relações e colaborações entre os diferentes *stakeholders* desenvolvidas durante a iniciativa. Uma maneira de trabalhar com a sustentabilidade é através de redes de contacto. Se a sua iniciativa de biodiversidade foi projetada e desenvolvida em colaboração entre os *stakeholders* locais que conseguiram encontrar um lugar-comum, é mais provável que seja sustentável. A sustentabilidade económica, é claro, também é importante para que um projeto continue vivo. Leia mais sobre sustentabilidade financeira no “Guia para a Cocriação da Biodiversidade Urbana” (www.co-bio.vejle.dk/).

Ancorar a iniciativa numa organização com recursos

Uma forma de trabalhar com a sustentabilidade é ancorar a iniciativa numa ou mais organizações locais que tenham recursos para sustentá-la e estejam dispostas a continuar a fazê-lo.

Um exemplo disso é a iniciativa portuguesa de plantar miniflorestas em áreas de habitação social em colaboração com a Gaiurb. A iniciativa de biodiversidade está bem alinhada com a missão da Gaiurb de promover a manutenção do espaço físico das áreas habitacionais, bem como melhorar as condições de vida dos habitantes. Assim, Catarina, a gestora do projeto, acredita na sustentabilidade da iniciativa: *“Ficarei muito orgulhosa se, daqui a 10 anos, passar por estas habitações sociais e vir árvores, sombra e pessoas a desfrutar do tempo ao ar livre. Espero que este espaço seja mantido, cheio de biodiversidade e útil para estas comunidades. Dependendo do sucesso da primeira implementação, a Gaiurb quer investir em fazer isso noutras habitações sociais. Portanto, tenho certeza de que a sustentabilidade deste projeto está garantida aqui, sim”*.

Outro exemplo de consolidação de uma iniciativa de biodiversidade com uma organização local é a iniciativa italiana, em que tanto a paróquia como o instituto profissional local têm interesse no jardim de biodiversidade e na promoção da sua manutenção.

Desenvolver a “gestão responsável” entre os cidadãos

Pequenas florestas, parques e canteiros devem ser continuamente cuidados, regados e mantidos. Este é, sem dúvida, um ponto fraco das iniciativas de biodiversidade: quem cuidará das árvores e flores quando o esforço e os recursos do projeto acabarem? Uma maneira de superar isso é desenvolver o sentimento de propriedade entre os cidadãos locais e os utilizadores do espaço comum, para garantir que eles assumam o papel de “gestores” após o término do projeto.

são mais propensos a exercer a propriedade e a gestão de um jardim ou parque que consideram “seu”. Portanto, quanto mais os cidadãos puderem influenciar a iniciativa de biodiversidade, mais provável será que assumam a propriedade a longo prazo. A iniciativa austríaca é um bom exemplo disso: os estudantes envolvidos na melhoria da biodiversidade no *campus* universitário têm estado profundamente envolvidos no desenvolvimento das iniciativas e a universidade está a responder positivamente. A líder do projeto, Isa, está confiante de que, como a iniciativa conseguiu empoderar os estudantes, será mantida após o projeto: *“Os estudantes podem promover o design de determinados locais, fazer algo ativo e mudar um local. Trabalhamos nisso como um grupo há quase cinco anos. A universidade agora preocupa-se connosco e também vê que a mudança pode ser feita e precisa de ser feita em termos de sustentabilidade e biodiversidade nos locais do campus”*.

Outra forma de garantir a responsabilidade dos cidadãos é abordar claramente a necessidade de manter os espaços verdes. Na iniciativa grega, todas as crianças participantes comprometeram-se pessoalmente a cuidar do seu novo espaço verde. Cada pessoa escreveu um compromisso pessoal num post-it, com promessas como: “Vou regá-los todas as terças-feiras!” ou “Vou garantir que o lixo não é descartado aqui”.

Pontos importantes:

- Se adotou os seis princípios, a sua iniciativa de biodiversidade provavelmente será mais sustentável, pois a colaboração e as relações são importantes para a sustentabilidade do projeto.
- Uma forma de garantir a continuidade da sua iniciativa é associá-la a uma organização local com recursos e disposta a sustentá-la a longo prazo.
- O sentido de pertença por parte dos cidadãos locais é fundamental para a sustentabilidade de um projeto de biodiversidade. Os cidadãos que consideram a nova área verde como “sua” são mais propensos a cuidar dela e a mantê-la.
- Tornar visível a necessidade de um compromisso local contínuo através de um compromisso pessoal pode ser eficaz.



ko Campus Wien

